

APONTAMENTOS DE UMA VISITA A MARAJÓ

1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

O navio "Tenente Portela", da linha Belém-Soure, nos conduz em viagem especial.

Vamos beirando a baía debruada de navios-gaiolas, canôas (1), cascos em decomposição, tudo sinais de uma grandeza antiga...

A melancolia dos barcos em ruína!

O casco de um do transporte de madeiras, fóra água, imenso, intacto, despojado da mastreação, é um fantasma.

Outro enterrado na papa mole da margem, se desconjuntando, apodrecido, mutilado, inspira menos emoção. Não resistiu, não guardou dignidade, não evoca. Símbolos...

Val de Cães. Nome antigo como o sítio que designa. Por volta de 1677 era uma fazenda, 8 quilômetros abaixo de Belém, e coube, em doação testamentária de D. Maria de Mendonça, ao convento das Mercês. Um século mais tarde, por força de Bula pontifícia, foi extinto o convento e os bens dos frades passaram à corôa. Avaliou-se a fazenda em 21:789\$830. Val de Cães era, então, a casa de residência, a capela, casas onde se alojavam 82 escravos, olaria (onde se fabricavam, além da louça comum, tijolos, telhas, fôrmas para açúcar, botijas para aguardente) engenho de descascar arroz, movido a água, ferraria, forno para cozinhar cal, e possuía 1836 pés de café.

Um dia Val de Cães recebeu as instalações da Port of Pará. Teve edificações importantes, oficinas, diques, trapiches, conheceu agitação, conforto, riqueza. Escutou apitos poderos que convocavam homens, dispersavam homens. Aprendeu línguas estranhas, costumes estranhos, tostou mulheres louras...

Agora avisto navios envelhecidos, descascados e alquebrados, que foram jovens e arrogantes no tempo da grandeza que os criou. Ainda símbolos...

Val de Cães! Alguns escrevem Cans, alegando que a fazenda era asilo da velhice fradesca, que lá iam viver o fim da vida velhos

(1) *Canôa* — nome com que se designam os barcos em geral.

frades de “cabeças nevadas de cans”. Argumento falso. O nome precedeu aos frades. E’ *caens* que vem em todos os documentos antigos e nos cronistas desde Baena. E ninguém pronuncia sinão Val de Cães.

Eis o forte da Barra. Uma muralha boiando no caminho histórico. Foi responsável pela cidade. Hoje tem um farol. Guia, mas também pode ser como quem diz:

“Cuidado, não tropecem em mim, ainda existo”.

Os canhões conservam-se lá, bocas apontadas, certamente, para as idades... Símbolos também.

As ilhas se sucedem. São enormes touças de mato exuberante. Com o binóculo assinalo algumas brechas, a água que penetra em línguas obscuras — os igarapés. Sairão do outro lado, o cabocla na montaria (2) deslisa por eles.

O verde é o limite da água.

* * *

Testemunham-me que o vaqueiro de Marajó é fenomenal. Laça e monta como o não sei que diga. O veterinário Dr Gete Jansen, do Instituto de Patologia Experimental do Norte, que é uma autêntica organização de estudioso e pesquisador das coisas da Amazônia, me conta que tendo oferecido 5\$000 a quem não caísse de determinado cavalo chucro, um vaqueiro lhe sorri:

— “Então é melhor pagá logo”.

E laça o animal. Com o próprio laço consegue embaraçar-lhe as canelas até derrubá-lo. Outros ajudam a imobilizá-lo, quebrando-lhe a cauda e segurando-o pelas orelhas. O caboclo escanha e ordena:

— “Pode largar”.

O cavalo se ergue furioso. Joga (3) feito um espiritado, para se livrar da carga que nunca experimentou. O vaqueiro firme. Está montado em osso (4), sem rédeas, sem nada. O cavalo vai para onde quer, faz o que quer, mas nada do que possa fazer desgruda o cavaleiro do seu lombo. Quando cisma atira-se em terra com um salto

(2) *Montaria* — pequena embarcação sem toldo e sem vela; pega às vezes até 4 pessoas, mas é muito comum o caboclo sozinho na montaria; regula como “o cavalo do caboclo”; na sua forma mais rudimentar chama-se também *casco*.

(3) *Jogo* — corcovo de cavalo jogador — cavalo que corcoveia.

(4) *Em osso* — o mesmo que em pelo, sem arreios. A expressão é igualmente usada no Nordeste.

rápido, que deve surpreender tanto o cavalo como surpreende a quem assiste.



Vaqueiro marajoára

Ganhou os 5\$000. O dr. Cete Jansen se arruinaria se fosse teimoso...

* * *

Estamos cortando a baía de S. Antônio. A água engrossou, está encalambada, o vento sopra forte. Mas de meio-dia p'ra tarde é que a água embrabece.

Longe, à esquerda, já se enxerga Marajó. E' uma sombra. Do lado de Belém está Mosqueiro. Começa com a fábrica de pneus Bit-tar. Sangue novo. Mosqueiro é mesmo um fenômeno, tem nesgas de práia, vê-se areia, coisa espantosa.

* * *

Perto de Marajó. A ilha cresceu. Mostram-se barrancos vermelhos, são os campos do Cururú.

Falam-se dos cemitérios indígenas. Pois não, tenho notícia do cemitério do Pacoval do Cururú, maior e menos escavacado que o do Pacoval do Ararí. Desde 1871, com Steere e Ferreira Pena, a cerâmica marajoara vem sendo exumada, classificada, interpretada. São igaçabas, pratos, cachimbos, alguidares, tangás de barro (babal, como denominavam os Aruans), tampas de camotins, maracás, uma multidão de artefatos de barro, ornamentados com figuras pintadas ou gravadas, por vezes representando figuras humanas ou de animais, com predominância entre estes do jabotí.

Eu iria encontrar, em diversos lugares — repartições, casas particulares, casas comerciais, exemplares autênticos da curiosa arte dos índios aruaks.

* * *

À direita está uma mancha quasi ao nível d'água. Foi ilha habitada, coberta de cajueiros. Há 20 anos desapareceu. De ilha de Morossoca converteu-se em baixio de Morossoca. Hoje há lá currais de peixe.

Não tenho tempo de refletir na tragédia destas terras tragadas pela água, dissolvidas aqui, acumuladas além, instáveis, sem pouso, sofredoras como gente. Já estão me instruindo que o curral é geralmente construído de taboca e se denomina cacurí. Também há, destinado a pesca, o matapí. Vem a ser um cesto de duas bocas, em forma de funil. Põe-se dentro capim para atrair os peixes miudos e estes atrairão os grandes. Outras vezes a isca é um prato e um pedaço de bacalháu ardido. O peixe vê a claridade do prato, sente o cheiro do bacalháu e entra.

* * *

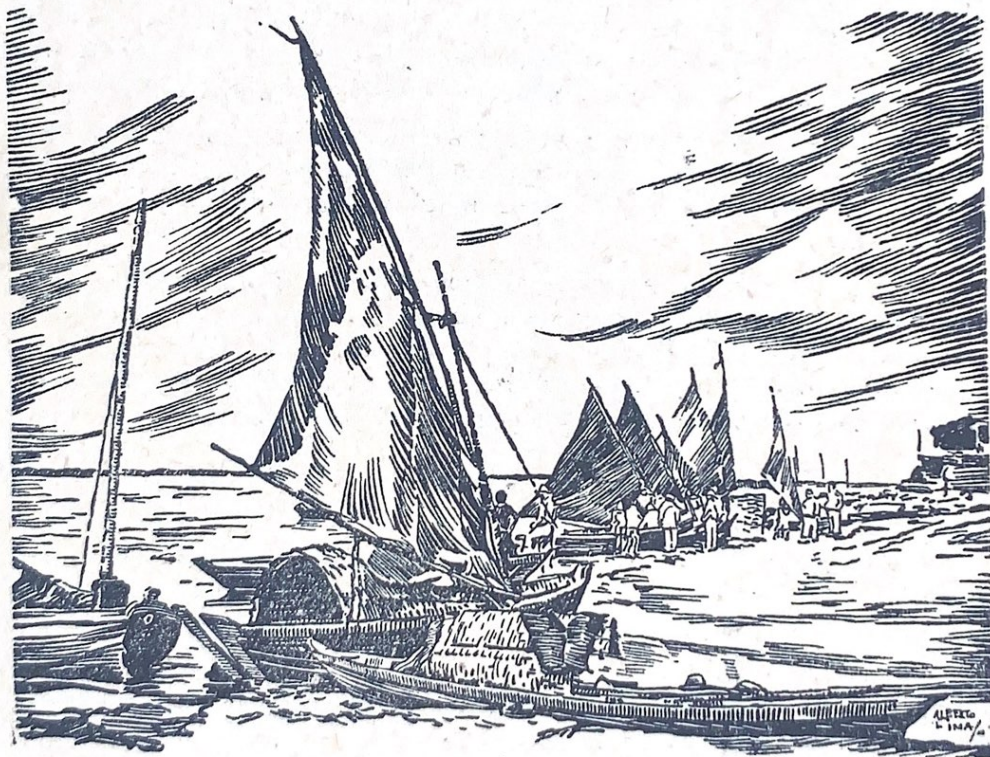
O gaiola descreve uma curva larga e enfrenta a barra do primitivo igarapé Grande, hoje Paracauarí (Raimundo Morais escreve *Paracuari*, mas o que ouvi dos marajoaras e o que encontro escrito noutros autores, inclusive o esplêndido Barão de Marajó, é *Paracauarí*).

Olhando Soure está Salvaterra, maravilhosa de pitoresco, sombreada de coqueiros e mangueiras, paisagem do Nordeste na Amazônia. É praiá de veraneio de Belém. Salta-se do navio em Soure e atravessa-se o igarapé em canoas veleiras. No desembarque do outro lado vamos nos braços do caboclo do barco. Pude averiguar que o nosso canoeiro (seu barco chama-se "Oiranetec", "Centenário" às avessas, como nos traduziu orgulhosamente) aprecia o ofício, e absolutamente não lhe é indiferente ter como carga, nos braços, uma moça

veranista ou um senhor careca. Por sua vez dá a entender que algumas passageiras se lhe agarram com exagero na breve descarga... No entanto, de bordo me haviam indicado, entre recortes de grés ferruginoso (a chamada "pedra do Pará", única da região), duas praias distintas — uma banheiro dos homens, outra banheiro das mulheres...

Soure vai surgindo dentre um mangueiral, que em certa posição, quando nos aproximamos, parece uma enorme parede verde.

Ficou para atrás a praia do "Mata-fome", onde se apanhava peixe à vontade.



Barcos de pesca — Ilha de Marajó

O navio encosta num trapiche de dois planos. Uma escada leva ao plano superior, ao nível da cidade, coberto, possuindo alguns bancos sempre utilizados por homens, mulheres, crianças.

Soure está ligada a Belém pelas viagens semanais de "Tenente Portela" (5 a 6 horas de percurso, conforme o maré seja contra ou a favor da marcha) e por um sem número de barcos, igarités, rebo-

ques (5). Foi antiga aldeia do Menino Jesus, como Salvaterra era N. Senhora da Conceição. Segundo depoimento de um cronista do século XVIII, constava então, de "400 pessoas das nações Aruan". Hoje é uma cidade grande, espalhadíssima, de ruas esticadas e bem traçadas. As casas é que são salteadas e miseráveis. Poucas as que indicam um padrão de vida razoável. Entretanto o município, essencialmente criador, é rico. Mas os fazendeiros têm palacetes em Belém e no Rio... Há grande espanto em torno de certo insensato que empregou 200 contos na construção de uma casa em Soure...

O atual prefeito recebeu, da parte de seus inimigos, naturalmente, o batismo de "seis a um", querendo significar que ele permanece seis dias em Belém e um no município. Não examinei a procedência do apelido, mas é certo que encerra, além da deliciosa malícia, uma definição das relações entre Soure e os seus dominadores, aqueles que lhe retiram dos campos, pontualmente, confortável fortuna.

Pelo meio das ruas largas e certas corre a fila das mangueiras venerandas. Sobre as toscas raízes estufadas do solo, famílias inteiras conversam, à hora em que percorremos a cidade, logo depois de meio-dia.

Fomos à casa de Maria de Fama, fazedora de pagelança (6). Queríamos ser benzidos, estávamos muito carregados... A mulher negaceou. Não trabalhava nisso... Só por fim, identificando o nosso guia, cedeu. Mas não dava mais tempo. O "Tenente Portela" apitava, apitava, nos convocando para continuar viagem.

* * *

Começamos a subir o Paracauari, a caminho da fazenda "Bom Jardim". As margens são de mangues, suspensos naquelas recurvadas que parecem pernas de aranha.

(5) Segundo indicação que colhi no cáis do "Vêr-o-peso" a nomenclatura dos barcos obedece às seguintes características:

Barco — embarcação a 2 mastros e tolda (espécie de camarote, em geral à popa); destina-se ao transporte de gado entre Marajó e Belém, pegando em média de 50 a 100 rezes.

Igarité — um só mastro, mas ainda tem tolda.

Reboque — sem tolda e sem vela; é puxado pelos veleiros e se destina às manobras de atracação deles, ou ao serviço dos tripulantes.

Montaria — vêr nota n.º 2.

Tem, ainda a *vilenga*, canoa de pescador, com tolda e um mastro, mas as velas semelham asas de morcego e são avermelhadas, por donde saíram os primeiros modelos.

(6) *Pagelança* — feitiçaria, arte de curar e de perder. Palavras da benzedura que não ouvimos:

Recordo a informação do cronista de 1737: "abundante de peixe da costa e carangueijos".

Carangueijos? Não prestam agora, estamos em setembro. Mês em cujo nome não entra a letra *r* (maio, junho, julho, agosto) é que dá carangueijo gordo.

Escrevo, pelo gosto da sonoridade, alguns nomes de peixes dos igarapés marajoaras: tucunarés, landiás, acarás, apaiarís, manduvés, anojas, piram-ibas, tamoatás...

E há os famosos, conhecidos universalmente:

Peixe-boi, de focinho semelhante ao de boi, carne semelhante à de porco, hoje raro em Marajó. Dá a mixira (7), muito apreciada e consumida com farinha d'água torrada, em todo o vale amazônico.

Pirarucú. O marajoara, muito gordo, tem pitiú (8), e por isso é considerado inferior ao do Baixo e Alto Amazonas.

Puraquê. É o peixe carregado de eletricidade. Não se come, tem a carne mole e desenxabida. Onde encoste transmite um choque violento. Parece, entretanto, que é susceptível de "descarregar-se", a julgar pela experiência de Humboldt, que fez uma cavahada penetrar numa lagôa rasa, atulhada de puraquês. Os cavalos a princípio ficavam desesperados, alguns morreram fulminados, mas com pouco não eram mais molestados e os peixes é que fugiam para a margem.

Diz-se que o puraquê derruba frutos do assaí, do jauarí, do ca-tauarí, do taperebá, dando "choque" no tronco da árvore. A versão é generalizada. Um dos que interrogámos a respeito, seu Maciel, dono de barraca de assaí, na Pedreira, em Belém, só não fez mesmo ver a proeza do puraquê, mas se responsabiliza...

De qualquer forma, porém, faz impressão o singular habitante dos lagos, igarapés e igapós amazônicos. Vale a pena escutar o que pensavam dele os primeiros exploradores:

"Quasi no feitio às lampréias, mas tem uma gusma pegada à pele que escorrega muito; este peixe tem uma virtude oculta que passando por coisa vivente e o toque na carne, irremediavelmente ficou ador-

"Em nome da Virgem
Quebranto, mau olhado,
Sai-te daqui,
Que este menino
Não é prá tí".

(7) *Mixira* — peixe-boi frito e conservado na própria gordura; faz-se também mixira do tambaqui (peixe dos lagos, igarapés e igapós, come frutos, de sorte que qualquer baque à superfície d'água o atrai; logo depois da desova tem a carne dura e reversa) e das tartaruginhas recém-saídas da cova. (R. Morais).

(8) *Pitiú* — cheiro de peixe, mau cheiro. É também o nome de uma pequena tartaruga de peito branco.

mecida e se acaso caiu na água e o peixe tornou a esfregar-se com coisa vivente, certamente o matou” (Luiz Pinto de Souza).

Apontam-me à flor d'água, em bandos numerosos, o candirú. É um peixe minúsculo que chega onde chega a maré, e tem a estranha habilidade de intrometer-se em qualquer orifício do corpo humano, donde só se consegue arrancá-lo, muitas vezes, depois de morta a vítima. As mães recomendam aos filhos que não urinem dentro d'água, porque o candirú “sobe pelas urinas”.

Segundo Raimundo Morais, entra nas pussangas (9) dos feiticeiros, como elemento poderoso. Além da propriedade de encaiporar (10), de perder adversários, possui a de “distender o membro de outros animais quando tocados, batidos ou surrados por ele numa espécie de flagelação”.

Mas nenhuma espécie amazônica tem o encanto e o prestígio do bôto.

Oswaldo Orico o descreve como “asqueroso mamífero pisciforme” de “focinho agudo e encabelado”. Mede dois a três metros de comprimento e é preto (tucuxí) ou vermelho. Este, sobretudo, ocupa a imaginação popular. Ora seduz as cunhantãs (11), surpreendendo-as no banho ou na rede, altas horas, outras vezes é feminino (uiara) e arrebatava caboclos para o fundo dos lagos, como aconteceu com o moço português Honorato, que está encantado numa cobra-grande, aparece à meia-noite, dança nos dansarás, quando chega de madrugada se some, ninguém sabe para onde. É a lenda de Cobra-Norato.

Conta o povo que em noite de luar “os lagos se iluminam e que ouvem as cantigas das festas e o bate-pé das dansas” com que se celebram os feitos amorosos do bôto... (Couto Magalhães).

Raul Bopp põe a lenda do bôto nestes versos:

“— Joanhinha Vintem: Conte um causo
— Causo de que? — Qualquerum
— Vou contar causo do Bôto:
Putirum Putirum

Amor. Chovi-á
Chuveriscou
Tava lavando roupa Maninha
Quando Bôto me pegou.

(9) *Pussanga* — beberagem enfeitizada, mezinha, remédio feito de ervas e raízes. Deu nome a um volume de contos amazônicos do escritor Peregrino Junior.

(10) *Encaiporar* — dar azar, atrazar a vida.

(11) *Cunhantã* — moça, donzela. Correspondente masculino — curumim.

— Ó Joanhinha Vintem
Bôto era feio ou não?

— Ai era um moço loiro Maninha
tocador de violão.

Me pegou pela cintura
— Depois o que aconteceu?

Gentes!
Olha a tapioca embolando no tacho.

— Mas que Bôto safado
Putirum Putirum”.

Um poeta amazônico, Antonio Tavernard, também nos fala do bôto:

“O bôto não dorme
No fundo do rio;
Seu dom é enorme
quem quer que o viu
Que diga, que informe
Se lhe resistiu,
O bôto não dorme
No fundo do rio”.

O conto de Peregrino Junior, “Por causa do bôto”, fixa a cren-
dice amazônica, num quadro muito sugestivo, em que se mostra como
crendice mesmo e como fraude da cabocla culpada. É uma conversa
de marido com mulher, na camarinha (12), a respeito da filha:

“— Você sabe de uma coisa, Canuto? Bôto pegou a cunhatã.

— Que é que está me dizendo, mulher?!

— Foi ela mesmo que me disse que o bôto lhe tinha pegado!
Também, a cunhã (13) não tem juízo, vivia agora bangolando (14)
na barranca do igarapé... Está aí, o que ela queria!

—Bôto nada, mulher besta! Deixa estar, que eu vou caçar o
condenado que fez mal à cunhã”.

Ouvi de uma pura cabocla paraense (basta dizer que é filha da
Caetana, quituteira da barraca mais famosa que já funcionou no lar-
go de Nazaré) o relato de uma das manifestações do bôto.

(12) *Camarinha* — quarto de dormir; em geral, sem janelas, escuro e
abafado.

(13) *Cunhã* — mulher.

(14) *Bangolando* — vagabundando, andando à toa.

Ele comparece às festas encarnado num preto retinto. Começa a dançar com a curiboca (15) da sua preferência, que seduzirá fatalmente, mas está sempre de chapéu, porque tem um furo na cabeça. Se, porém, ela sente a sua catinga (16) de peixe, desconfia que é bôto, e lhe tira, de súbito, o chapéu, some misteriosamente, soltando um longo assobio.

Em verdade a lenda do bôto tem um fundamento real, ela só é imaginação na forma. Segundo Nunes Pereira, o famoso cetáceo sente longe o "odôr di femina" e depressa acerca. Acontecendo viajar alguma cunhã incomodada, o bôto risca logo em cima da montaria, e fica tão excitado que é capaz de virá-la. Procedem, pois, as cismas do caboclo. E a credence na bula amorosa do bôto continua muito viva a ter toda a força.

O dr. Gete Jansen me refere o caso recente de uma mulher que levando o filho num serviço médico, quando lhe perguntaram o nome do pai, para o competente registro, respondeu com absoluta convicção:

"— Não tem, não senhor, é filho de buto". (17)

A mulher era casada, tinha outros filhos cuja paternidade, atribua pacificamente ao marido, mas aquele teimava em dar como filho de bôto.

"— Este é filho de buto, eu sei".

Não houve quem a demovesse, o registro foi feito à sua revelia.

Naturalmente prolongamento dessa crença, existe a do poder do olho de boto. Mulher espiada por homem atravez dum olho de boto será irresistivelmente conquistada.

Os dentes de boto servem como preservativo "contra dores destes órgãos e contra perigos de primeira dentição". (Osvaldo Orico).

Já o tucuxí tem outras propriedades. É amigo do homem. Quando ocorre alagação (18) de canôa apresenta-se para socorrer os naufragos, empurrando-os, às focinhadas, até a margem. Mas "o seu miolo, consoante farmacopéa indígena, enlouquece o sujeito que o ingere, ou, pelo menos, o abestalha". (Raimundo Morais). Reduzido a pó, no café, é aplicado pelas mandingueiras, mediante encomenda, por motivos amorosos, políticos, religiosos, até comerciais.

Colhi, pessoalmente, notícia sobre outra aplicação das forças do boto. É uma perigosa mesinha destinada a minar corações. Consiste no seguinte: a cabeça de um alfinete é molhada no óleo do miolo de boto e em seguida introduzida numa chicara de café, numa tigela de assaí, até largar o óleo agarrado. Se a pessoa visada toma essa be-

(15) *Curiboca* — mestiço de preto com tapuia; no Pará designa todas as caboclas adolescentes.

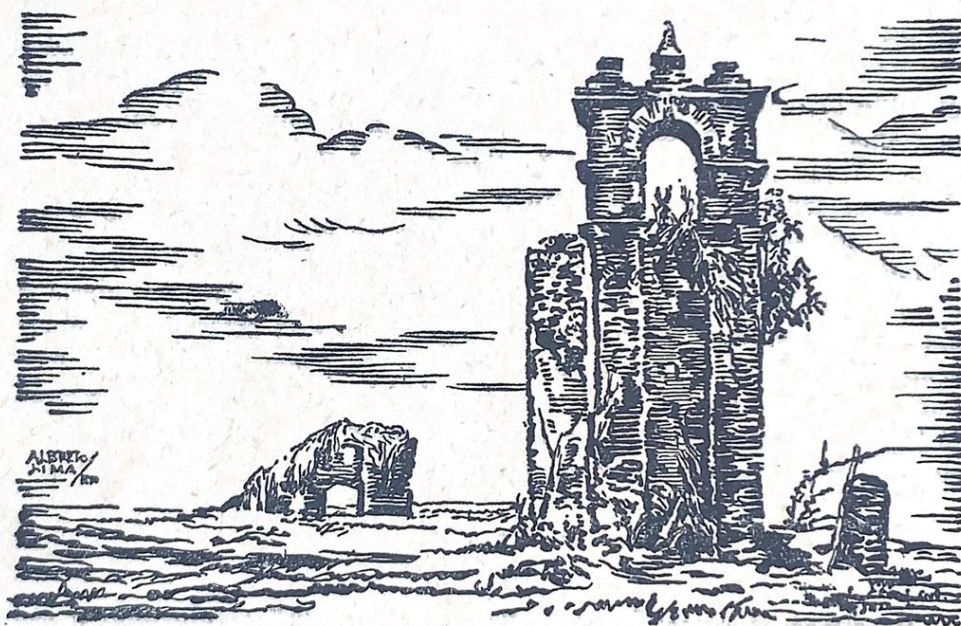
(16) *Catinga* — cheiro forte, cheiro ruim.

(17) *Buto* — é como diz o povo. A pronuncia *u* por *ô* fere a cada instante os ouvidos forasteiros: buto, muço, Musqueiro.

(18) *Alagação* — inurdação, fazer água, naufragar.

bida ou morre ou se apaixonava. Tudo depende de ter saído certa a medida dada pela cabeça do alfinete...

A bordo, na nossa roda, o assunto é pagelança. Uma pena não termos visto Maria de Fama em ação. Estava com a barriga por acolá, não poderia manejar o instrumental com toda a arte, mas sempre era vêr Maria de Fama “trabalhar”. Um dos nossos, fazendeiro marajoara, já havia recorrido a Maria de Fama para “descarregar-se”. E nos contou, com integral seriedade, o perigo por que passou. Vinha sendo trabalhado pelo feitor que punha raspa de unha no seu café. Chegava



Ruínas do Templo dos Jesuitas, construído pelo Padre Vieira em 1653, quando foi a Ilha Grande de Joannes.

A Ilha de Marajó guarda esta relíquia que o tempo não logrou apagar.

na fazenda era aquela danação, dores desesperadas na barriga, tinha que voltar às carreiras. E deu para obrar sangue. Até que um dia foi avisado por um morador velho, com lágrimas nos olhos, do “trabalho” do feitor, que não queria que patrão parasse na fazenda. Não teve dúvida, mandou buscar o feitor, entrou com ele no quarto, e baixou-lhe a muxinga (19). Fez o mesmo com a mulher que era quem preparava o café, depois expulsou-os para bem longe, do outro lado da

(19) *Muxinga* — chicote, vergalho, chibata.

ilha. Ainda levou mais de ano doente, gastou um dinheirão. Também não bebe mais bebida nenhuma assim, não. E' preciso ser casa de muita confiança. Conhece vários casos. Inda outro dia morreu louco um doutor que tinha ficado noivo, e a mulher que andava com ele deu-lhe café com sangue das suas regras. Coitado! Foi embora. Naquilo tem todos os venenos da mulher.

* * *

O Paracauari há muito fez forquilha com o Maratacá. Ainda percorremos bons estirões (20), mas daqui a pouco o rio começará a se enroscar.

Meu Socego, Boa Vista, Soledade, Desterro, fazendas "batizadas com uma melancolia romântica", como notou o autor de "Histórias da Amazonia", fomos divisando pelas frestas da pestana marginal.

— Vocês já viram caiçara? Pois lá está uma.

As caiçaras, instalações para o embarque de gado, se repetem, a trechos, no curso do rio. Quando a gente vê um trapiche com paredes laterais (*manga* da caiçaras) já sabe. O trapiche sai de um cercado, na margem, denominado *sala*. O gado fica preso na *sala*, e cabeça à cabeça vai penetrando na *manga*, em cuja ponta está atracada a embarcação de transporte. Daí para o barco a rez passa a guindaste, suspenso pelos chifres. E' um processo primitivo e bárbaro, conservado até hoje, inexplicavelmente, em Marajó, apesar dos prejuízos que acarreta com o frequente desnucamento dos bichos.

* * *

Prodigioso o comandante do "Tenente Portela" conduzindo o seu navio pelo igarapé. As curvas fechadas se sucedem, uma em cima da outra, e ele tranquilo vai acertando o barco. De pé, na parte dianteira do navio, às vezes se estica para sondar o perau (21). Dá não sei quantas voltas na roda de comando do leme, quando desfaz já é dando outras no sentido contrário. São operações aparentemente arbitrárias, realizadas sem esforço, talvez sem preocupação, porque toda a ciência está nas mãos, elas que tem a conta... É a primeira vez que o "Tenente Portela" enfia por aquele igarapé. Mas se o rebocador do S.N.A. P.P. já subiu até "Bom Jardim" ele também subirá.

A cada curva jura-se que não passará. Baterá na margem a popa, se não for a proa.

(20) *Estirão* — reta do rio.

(21) *Perau* — canal do igarapé.

* * *

Fazenda "Bom Jardim". Eis-nos em frente ao porto, num trapiche rústico invadindo uns dez metros d'água.

O "Tenente Portela" manobra para encostar. Seu derradeiro milagre. Enviesa prá barranca e a gente vê o gume da proa fazer um talho monstro no tijuco (21). Agora é só a popa do navio que se move descrevendo um leque. O banzeiro (23) produzido pela hélice pôs a água tipitinga (24). Quando se completa a rotação o navio recua, a proa desloca-se do lodo, a água oscila apagando logo o sinal da quilha.

Saltamos no trapiche e caminhamos pelo trilho de areia clara, deixando de lado duas casas de moradores.

Uma cerca de tábuas com recortes caprichados, mangueiras antigas, coqueiros, um currupio, e a casa da fazenda, de madeira, trepada sobre as canelas compridas do girau (25). A pintura vermelha logo se impõe. Sobe-se a escada que dá num terraço ao nível da casa e daí se passa ao interior. Na sala cadeiras de vime, uma cantoneira avantajada servindo de mesa. No corredor o guarda-cômica pendurado do teto e uma prateleira comprida, com diversos vãos circulares, cada vão descanso de um pote. A sala de jantar ampla e a mesa também... Nos quartos avisto camas com uma armação superior de varas, suponho que destinada a mosquito. Os colchões sobre elas, enrolados e envoltos em panos cosidos, semelham fardos. A nossa dormida vai ser em rede.

Fim de tarde numa fazenda marajoara...

Já choveu, agora o sol brando lava o ar, o campo, a mataria. No isolamento, na larguesa deserta das campinas, espicho os olhos e a imaginação também...

(22) *Tijuco* — lodo, lama.

(23) *Banzeiro* — agitação nas águas, redemoinho.

(24) *Tipitinga* — barrente, turvo.

(25) *Girau* — armação de madeira sobre o qual ficam as casas, por causa da humidade e da água; estrado rústico para guardar mantimentos; cama de varas.